



## ACÇÃO PERFORMÁTICA E FEMINISMO NEGRO<sup>1</sup>

Maria Everlane de Moraes Lima (UFAL)<sup>2</sup>  
E-mail: maria.moraes@ichca.ufal.br

### GT 2 – POLÍTICAS E ESTÉTICAS DAS ARTES

**Resumo:** Transformando a dor em arte percebo o quão rico é o fazer artístico e tudo o que atravessa o mesmo. Meu interesse é sobre o que a arte pode mudar no mundo, qual o papel do meu fazer artístico? Isso desencadeou uma série de questões e uma delas são os recortes sobre performance e feminismo negro. Tudo o que me atravessa no dia a dia, nas questões sobre política, arte, corpo, classe, faz com que eu produza acção performática e protesto, com o meu corpo, voz, gestos, escrita, movimentos, entre outras acções. Que arte tem o poder de me atravessar e me fez fazer escolhas? Aqui estou com meus pensamentos e acções formuladas para poder desenvolver de forma artística a política ao qual acredito. Sempre pensei que a arte mudaria o mundo e acredito nas minhas acções enquanto artista, as minhas intenções sempre foram viscerais e com dor quando se trata em falar de arte, trazendo a estética artística e, o mais importante, eu mesma. O projeto, que tinha como objetivos mapear os espetáculos de autoria feminina que tratam sobre o universo da mulher e analisar os espetáculos à luz de uma estética do feminismo, me deu embasamentos teóricos e aprofundamentos nos materiais didáticos e acadêmicos. As referências bibliográficas como o livro de Djamila Ribeiro me fizeram citá-la no meu artigo, porque usei os recortes para desenvolver o mesmo, assim como outros material teóricos, já as acções práticas me fizeram lapidar a performance e alguns pontos em relação ao ativismo dentro da mesma. Quero ressaltar que esse projeto de PIBIC não só me direcionou para as teorias e embasamentos teóricos, mas também as discussões e as acções práticas.

**Palavras-chave:** Feminismo negro – Performance – Ativismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica orientado pela professora Dr<sup>a</sup> Ana Flávia de Andrade Ferraz, desenvolvido na Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, desenvolve pesquisa sobre feminismo negro e performance; integrante do Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas (NEPED/Ufal/CNPq)



## 1. Introdução

Consegui analisar a performance *Não me estupre Brasil* de forma mais acadêmica; os embasamentos teóricos me ajudaram a reconhecer os recortes dentro da pesquisa. Mapear os espetáculos de autoria feminina que tratam sobre o universo da mulher; analisar os espetáculos a partir de uma estética do feminismo; produzir artigos com as reflexões extraídas das análises sobre a estética feminista, no cruzamento entre a expressão artística e a teoria feminista. A partir das palavras: arte, corpo, feminismo e racismo, me encontro com a performance que transforma a dor em arte, desenvolvendo esse trabalho performático *Não me estupre Brasil*.

O projeto Poéticas Feministas apareceu pra somar, pra enriquecer cada vez mais o meu trabalho, me ajudando nos embasamentos teóricos com pesquisas, leituras e discussões, o que me fez desenvolver um olhar mais acadêmico para o fazer artístico. Como a minha pesquisa foi voltada para a ação performática e o feminismo negro em Alagoas, aproveitei e fiz uma auto análise dentro do meu trabalho performático, analisei o fazer artístico dentro da performance e do feminismo negro.

Minha pesquisa abriu discussões para uma reflexão complexa, mas que não é impossível. Sobre a performance ainda tem muito o que se discutir. Vejo que existe uma rejeição dos que assistem performance, talvez por falta de conhecimento, mas este incômodo é algo social, e é para isso que a performance existe, para provocar. Essas pesquisas e escritas proporcionam ao leitor mais clareza, abordando aspectos teóricos e ajudando a desconstruir preconceitos sobre a linguagem. Por outro lado, o feminismo tem vários recortes e no meu trabalho falo deles superficialmente, aprofundo, de fato, no feminismo negro, e suas ações ativistas na arte. A pesquisa caminhou por esses dois pontos e ligou de forma interrogativa em relação ao assunto, tomando como objeto de reflexão a performance e ação performática da ação *Não me estupre Brasil*.

Os objetivos foram: dar visibilidade à produção artística feminista através do resgate da história das artes cênicas de autoria feminina no estado de Alagoas, mapear os



coletivos, as atrizes, dramaturgas, diretoras, técnicas das artes da cena que atuam no estado; resgatar peças, performances, dramaturgias, fotos, testemunhos, cartazes de produções de autoria feminina no estado; refletir sobre o corpo feminino como dimensão política nas performances alagoanas; refletir sobre uma estética feminista (intersecção entre prática artística e teoria feminista) nas obras de mulheres artistas do teatro alagoano; resgatar a história do pioneirismo feminino no teatro alagoano e sua contribuição para a cena local; possibilitar/facilitar a consulta da comunidade acadêmica sobre a temática abordada nesta pesquisa. Mapear os espetáculos de autoria feminina que tratam sobre o universo da mulher; analisar os espetáculos à luz de uma estética do feminismo; produzir artigos com as reflexões extraídas das análises sobre a estética feminista, no cruzamento entre a expressão artística e a teoria feminista; possibilitar/facilitar a consulta da comunidade acadêmica sobre a temática abordada nesta pesquisa.

## 2. Metodologia

A princípio eu teria que mapear o cenário das performances feministas alagoanas, porém, como o meu trabalho performático faz parte da mesma linguagem, decidi voltar a pesquisa para a realidade da performance *Não me estupre Brasil*. Tive acesso a alguns materiais didáticos, teóricos, que me ajudaram a desenvolver melhor os textos, tanto na performance, como sobre o feminismo negro. De início o foco era pesquisar performance, mas como sou performer e ativista, pensei que poderia juntar os dois e abordar a arte da performance, o feminismo e o racismo pra estudar, se aprofundar um pouco mais em relação às ações e as referências bibliográficas. Então o foco passa a ser as palavras chaves: feminismo negro e ação performática; relacionar e desenvolver a pesquisa a partir do meu trabalho, e, com isso, realizar o artigo e me encaminhar para o meu TCC. Decidido isso, a pesquisa fica voltada ao meu trabalho performático *Não me estupre Brasil*.

As ações das performances são uma inquietação, uma provocação para todos que assistem. Fiz uma pergunta a alguns performers de Alagoas, o que eles achavam da reação



do público ao assistir performance? As respostas demonstram que a performance ainda é algo distante da população alagoana, o estranhamento não é só em Alagoas, mas ainda em muitos lugares.

Negra eu sempre fui, sempre serei, racismos sempre sofri, e sofro. Desde que descobri as ações artísticas, racismo e feminismo, vi o mundo com outra perspectiva. Transformando arte em dor, sempre quis relatar a vida real, de tudo que passamos como mulheres, negras e artistas. Então o projeto me deu a oportunidade de me aprofundar, de escrever, registrar e pesquisar, para que eu consiga realizar uma arte mais consciente, através de ações e registros. Fazer um trabalho performático é algo que precisa de organicidades, mas relatar em palavras sobre feminismo e ação performática é algo de extrema pesquisa, aprofundamento e conhecimento.

### 3. Resultados e discussões

As escolhas teóricas foram feitas a partir do que me atravessou e a performance me abre um canal de debates e opiniões. Algumas referências usadas na pesquisa foram os livros de Fernando do Nascimento Gonçalves: *Performance: Um fenômeno de arte-corpo-comunicação* e Jorge Glusberg: *A arte da performance*, ambos me nortearam para que pudesse entender a criação de um novo conceito artístico e plural. Como nada é novo e tudo se reinventa, a performance é sim uma estética artística, assim como a arte em geral, e nesses conteúdos consegui ver estudos importantes para explicar o surgimento, influências e feitos performáticos.

Gonçalves deixa claro que as artes plásticas, assim como as artes cênicas, são as características da performance. Das artes plásticas nasce a origem e das artes cênicas a finalidade, A performance chegou a ser aceita como expressão artística autônoma na década de 70. Glusberg, no livro *A arte da performance*, nos mostra, com embasamentos, que a performance é um gênero artístico, e não uma função transgressiva, que foi mudado a partir dos anos 80 (Glusberg, 2013, p. 21).



Fazendo alguns recortes dos feminismos, seguimos para discussões específicas sobre a performance e o feminismo. Desde o século XX, mulheres vêm traçando batalhas, conquistando alguns avanços. Dividindo a história do feminismo em onda temos: a primeira onda, de onde vem as sufragistas, lutando pelo o direito ao voto e a serem votadas; em seguida vem a segunda onda, onde o pessoal é político e nasce um feminismo radical pela luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade; a interseccionalidade traz discussões sobre raça, gênero, classe e entre outros, fazendo assim parte da terceira onda.

Com meu trabalho performático *Não Me Estupre Brasil*, trago a arte visceral e marginal, baseada em fatos e vivências reais. A ação performática mostra a dor de sentir o ser, dentro de uma sociedade machista e racista, rompendo alguns tabus e leva essa dor em forma de arte, trazendo o telespectador para o ser que sente o ser. A performance *Não Me Estupre Brasil*, é um trabalho de minha autoria Maria Moraes, criada em outubro de 2010. Esse trabalho vem para inquietar a sociedade e expor o que ela acha que não acontece ou o que chamam de exagero. A partir das pesquisas de campo, de como os relatos dessas mulheres são postos, de como o corpo de cada uma fala, enquanto conta suas próprias vivências, da relação com o outro para se comunicar e/ou se expressar, o material de estudo gira em torno da pesquisadora e de mulheres e suas vivências reais. A partir daí é colocado em cena, escolhendo a forma de falar através da performance, dentro do que chamo de vivência experimental. A pesquisa pretende problematizar a relação do fazer artístico e as lutas da vida real, como é a relação da performance da vida real, e a vida real na performance.

Em outubro de 2019 na Paraíba-JP participei do Encontro Nacional dos Estudantes de Artes, (ENEARTE) onde a ação performática *Não me estupre Brasil* foi apresentada. Por ser um lugar aberto e causar um estranhamento por conta da temática e o corpo exposto, eu, performer e pesquisadora da ação, consigo notar a reação das pessoas durante a realização da ação, e quando termina algumas pessoas questionam, falam algo ou fazem algum gesto que levo de experimento para a próxima ação. No mesmo



congresso fui aprovada com mais dois trabalhos, um deles foi a mesa teórica com a temática do meu TCC, *Existe feminismo negro na ação performática?*, e o outro foi uma oficina sobre o corpo político, feminino, negro e nu em cena. Pessoas que viram a performance fizeram perguntas específicas, relacionando a performance ao tema, já as que não viram a ação fizeram perguntas mais técnicas e acadêmicas, como: quais as teóricas você usou como referência para desenvolver o trabalho em questão? Como se a prática ganhasse corpo real e concreto no papel. Quem participou da oficina ficou mais nas ideias práticas, porque trabalhei com esse corpo transitável, reconhecimento do mesmo, e esse nu em cena, ao qual fui trabalhando com os gestos e explorando a temática desse corpo, desse feminino, dessas ações que visualizaram o ser como o todo.

Aprendi que a performance são os olhos de quem vê ou de quem não vê, que tudo está relacionado com o fazer artístico, avanços e retrocessos. Sabemos que nem tudo agrada a todos, e por isso, em toda experimentação, oficina, e apresentação, consegui ouvir pessoas com diferentes opiniões e visões. Todas as opiniões e questionamentos fizeram o trabalho crescer e ganhar caminhos para outras conquistas. Meu trabalho performático não foi bem aceito em Belém do Pará, a visão conservadora fez meu trabalho ganhar forças e outras ações. Fica claro que a experimentação é correr riscos.

Hoje consigo visualizar o meu projeto performático como ativismo de uma outra forma, com algumas rupturas, ao qual ainda tenho muito que me aprofundar, com materiais didáticos e experimentos quanto ao corpo. As minhas escolhas teóricas foram a partir do que venho trabalhando no que se refere ao corpo e protesto; os debates feitos depois da performance me abriram um leque para entender os pontos de vista de quem assiste, e, com isso, talvez modificar, lapidar, tirar, acrescentar alguma ação corpórea, ou em relação a fala da performance *Não me estupre Brasil*. A partir das bases teóricas, venho desenvolvendo outra escrita e outra forma de agir.

Quero ressaltar que meus trabalhos artísticos, e minha militância vieram muito antes de minha consciência. Minha mãe, Maria da Conceição, é minha primeira referência quanto ao feminismo, ela é minha inspiração para que todos os dias eu não desista de



lutar, uma trabalhadora rural cortadora de cana que criou seus dois filhos sozinha, e sempre com muito esforço, lembro-me o que ela sempre nos dizia - “passe fome, mas não pare de estudar”. Então, quero concluir falando da importância dessa guerreira, que depois de tantos anos, quase aos 60, voltou a estudar, e está fazendo a primeira série. Isso é meu orgulho, essa mulher me ensinou a não desistir nunca, seu feminismo me fez ver tudo de outra forma. Mesmo sem saber o que é feminismo, esse recorte do feminismo está ligado às mulheres reprimidas, sem oportunidades e mesmo assim não param de lutar, e muitas delas não têm a consciência do feminismo, e menos ainda a chance de conhecê-lo. Nosso feminismo, na maioria das vezes, não chega a essas mulheres, e penso que temos muito a aprender com elas. Esse é um recorte interessante para ser estudado em outra oportunidade.

#### **4. Considerações Gerais**

As experiências que tive durante a ação e o aprofundamento das leituras provocaram algumas mudanças na minha prática artística. Djamila Ribeiro em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?” Me fez refletir e afirmar que como negra não quero mais ser objeto de estudo e sim o sujeito da pesquisa (Ribeiro, 2014 e 2017, pág 19). A performance ainda é minha forma de falar ao mundo e extremamente potente, pois “a performance é aquilo que não foi nomeado, que carece de uma tradição, mesmo recente, que ainda não tem lugar nas instituições. Uma espécie de matriz de todas as artes”, Glusberg (2013, pág. 36) e sobre a importância do corpo, uma vez que “a performance é uma expressão artística em que o corpo é utilizado como um instrumento de comunicação que se apropria de objetos, situações e lugares” (NASCIMENTO, 2004, pág 42), concluo com um poema de minha autoria, que fala, através da poesia, o que *Não me estupre Brasil* fala na performance.

Seu corpo não é carne podre de uma história posta,

**I EM CENA**

**I Encontro Nacional de Artes da Cena da Ufal- Universidade Federal de Alagoas**

**20 a 22 de setembro de 2021**



sua cor não é motivo de diminuição do seu ser,  
sua história não é a que todos contam.  
O corpo feminino em cena é protesto, o corpo feminino  
e nu em cena é incômodo, o corpo feminino,  
nu e negro em cena é revolução.  
Everlane Moraes

## 5. Referências Bibliográficas

Como surgiu o feminismo. Feminismo (blog), 23 nov. 2009. Disponível em:  
<<https://www.feminismo-feminismo.blogspot.com/2009/11/como-surgiu-o-feminismo.html>> Acesso em: 20 mai. 2020.

FURIOSA. **O que são as ondas do feminismo?**. QG Feminista, 2018. Disponível em:  
<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LENZI, Tié. **O que é o movimento feminista?**. Toda política. 2018. Disponível em:  
<<https://www.todapolitica.com/movimento-feminista/>> . Acesso em: 20, Julho de 2020.

NASCIMENTO, Fernando. **Um fenômeno de arte-corpo-comunicação**. Rio de Janeiro: Revista Lobos, 2004.

RODRIGUES, Suzana. **Conheça a história do feminismo no Brasil**. Azminas, 2020. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil/>> . Acesso em : 21, Junho de 2020.



RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Significado de Performance. Significados, 2013. Disponível em: <https://www.significados.com.br/performance/> Acesso em: 20, Julho de 2020.